



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v12.1023>

Resenha

DI CESARE, Donatella. *Vírus Soberano? A Asfixia Capitalista*. Trad. Davi Pessoa. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

*Pedro Antônio Gregorio de Araujo*¹

Resumo

Apresente resenha trata de apresentar as ideias defendidas pela filósofa italiana Donatella Di Cesare em seu livro *Vírus Soberano? A Asfixia Capitalista*. Sua tese é que a pandemia de COVID-19 desvelou o paradigma imunitário das democracias ocidentais, intensificando, assim, a asfixia capitalista que vivemos, caracterizada sobretudo pela atmosfera de terror total e invisível. Tal desvelamento e intensificação ocorre porque o vírus interrompeu a aceleração que estávamos acostumados a conviver, o que ocasiona uma tetanização do mundo. A COVID-19 exibiu a maneira como o medo está imbricado na modernidade, e a forma que isso se tornou o mote da governança neoliberal. Nosso objetivo aqui é avaliar criticamente o que Di Cesare argumenta, tentando responder à pergunta que ela faz no título de seu livro: vírus soberano? De quê maneira o coronavírus conseguiu afetar tão bruscamente nossa vida e as consequências filosóficas disso? Trataremos, também, sobre quais soluções Di Cesare propõe para nosso paradigma pós-COVID-19.

Palavras-chave: Di Cesare. COVID-19. Asfixia capitalista. Fobocracia. Vulnerabilidade.

Abstract

This review presents the ideas defended by the Italian philosopher Donatella Di Cesare in her book *Sovereign Virus? The Capitalist Asphyxia*. Her thesis is that the COVID-19 pandemic unveiled the immune paradigm of Western democracies, thus intensifying the capitalist asphyxia we are experiencing, characterized above all by the atmosphere of total and invisible terror. Such unveiling and intensification occurs because the virus interrupted the acceleration we were used to living with, which causes a tetanization of the world. COVID-19 showed how fear is imbricated in modernity, and how it has become the motto of neoliberal governance. Our aim here is to critically assess what Di Cesare argues, trying to answer the question she asks in the title of her book: sovereign virus? How has the coronavirus managed to affect our lives so abruptly and the philosophical consequences of this? We will also discuss what solutions Di Cesare proposes for our post-COVID-19 paradigm.

Keywords: Di Cesare. COVID-19. Capitalist asphyxia. Phobocracy. Vulnerability.

¹ Doutorando no Programa de Pós Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

E-mail: pedro.araujo@edu.pucrs.br Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0592-1303>

Donatella Di Cesare é filósofa italiana, professora da Universidade La Sapienza em Roma onde dá aulas de Filosofia Teorética e ensaísta de diversas publicações tal qual a revista Jacobin Italia. Sua pesquisa diz respeito sobre a relação simbiótica entre terrorismo e modernidade em diálogo com autores como Giorgio Agamben, Roberto Esposito, Martin Heidegger, Hannah Arendt, Jean Baudrillard, Michel Foucault entre outros pensadores. Temos em mãos, como objeto de nossa resenha, seu livro que coleta os textos de suas aulas na sua universidade, chamado *Vírus Soberano? A Asfixia Capitalista*, cuja tese consiste em mostrar como a pandemia de COVID-19 desvelou a lógica imunitária que é marca de nossas democracias ocidentais e mostrou como as fronteiras e muros são frágeis para sua soberania, segundo a autora. Haveria, para ela, uma estranha afinidade entre a asfixia provocada pelo vírus com a asfixia capitalista em que convivemos.

Seu livro é dividido em dezesseis capítulos, e cada um deles fala sobre um fenômeno que a pandemia de Coronavírus intensificou: a crise ecológica; o populismo de extrema-direita; a infodemia de *fake news*; a pandemia de doenças mentais; a vigilância digital e assim por diante. A análise de Di Cesare, como podemos notar nos nomes de certos capítulos, tem uma influência da teorização de Esposito acerca do paradigma imunitário característico da democracia liberal. Tenhamos em mente, também, que o livro de Di Cesare é escrito no início da pandemia. Para a filósofa, a tragédia da pandemia não pode ser comparada com qualquer outra catástrofe, pois além de ser “Invisível, impalpável, etéreo, quase abstrato, o coronavírus ataca nossos corpos. Não somos mais espectadores – somos vítimas.” (DI CESARE, 2020, p. 13). Outro fator importante que muda caracteriza a radicalidade do evento que estamos passando, é o fato dele ter afetado a aceleração que rege nosso mundo: “O que se vê é uma convulsão planetária, o espasmo produzido pela virulência febril, fim da aceleração em si mesma, que chegou inexoravelmente ao ponto de inércia. É uma tetanização do mundo.” (DI CESARE, 2020, p. 14)

A COVID pode ter acionado os freios da aceleração, porém, isso não significa que os efeitos da aceleração pararam, muito pelo contrário, eles se intensificaram. Vivemos naquilo que Di Cesare chama de asfixia capitalista, que é caracterizado, principalmente, pela questão da asfixia temporal que atinge-nos. A COVID potencializou isso:

O mal que vem, observando bem, já havia chegado. Era preciso estar cego para não ver a catástrofe batendo à porta, para não reconhecer a velocidade maligna do capitalismo que a desconhece, não podendo ir mais longe, envolvendo-a em sua espiral devastadora, em seu vórtice compulsivo e asfixiante. (DI CESARE, 2020, p. 28)

É interessante notarmos esta caracterização que Di Cesare faz do vírus como uma força quase que indescritível e onipotente. Inclusive notemos o título “Vírus soberano?” em formato de pergunta, quase como se a certeza de sua soberania fosse uma questão a ser discutida no percurso do livro. Vemos inclusive a autora afirmar que o vírus possui uma auréola tal qual uma coroa de um monarca soberano, o que demonstra como a governança política está reduzida à administração técnica:

O coronavírus assim se chama por causa da auréola sugestiva e temível, uma coroa poderosa. É um vírus soberano já no nome. [...] E passa a ser o nome de uma catástrofe ingovernável que desmascarou, em todos os lugares, os limites de uma governança política reduzida a administração técnica. (DI CESARE, 2020, p. 35)

Uma coisa é certa, porém: o vírus refutou a tese que o ser humano é onipotente, pois ele demonstrou nossa vulnerabilidade. Ele conseguiu mostrar a nossa inautenticidade, para usar um termo heideggeriano citado por Di Cesare: “O vírus, assim, traz à tona o que os filósofos chamaram de inautenticidade, ou seja, a ausência de um projeto.” (DI CESARE, 2020, p. 94) Um ser invisível ao olho nu conseguiu abalar a estrutura mundial o que amplifica o aspecto traumatizante da pandemia, nas palavras da pensadora:

Essa primazia foi tirada de nós por um poder superior ao nosso e ainda mais destrutivo. Que seja, então, um vírus, uma ínfima porção de matéria organizada, torna o evento mais traumático. Até a menor criatura pode nos destronar, nos destituir, nos derrotar. Talvez a vida no planeta tome novas direções. Enquanto isso, devemos reconhecer que não somos onipotentes como presumíamos. Pelo contrário, somos extremamente vulneráveis. (DI CESARE, 2020, p. 29)

A COVID-19 é consequência da destruição da Terra, Di Cesare afirma, mas mais do que isso, o vírus é sintoma da nossa doença de identidade que se coloca nos nossos ambientes assépticos e imunizados onde vemos apenas a presença do Mesmo e a negação da alteridade. E, por causa dessa ausência do Outro, o si-mesmo começa a se devorar, dada a sua paranoia:

O vírus é o sinal extremo, o sintoma obscuro dessa doença de identidade que aparece aguda em locais com ar condicionado e purificado, em espaços assépticos da imunidade artificial, dos quais o outro foi expulso e o si-mesmo, que queria viver em segurança diante de qualquer estranheza, começa a se devorar. (DI CESARE, 2020, p. 32)

A questão do medo de outrem é fulcral para o livro de Di Cesare. Segundo ela, a democracia é um sistema imunitário, cujo vínculo seria o medo. Di Cesare nomeia a governança neoliberal com o termo grego fobocracia, isto é, o domínio do medo. Porém, a autora aponta que a questão do medo percorre toda a modernidade até chegar ao século XX, o século do terror total. E ao contrário dos terrores causados por poderes autoritários que causavam a autodestruição de um povo, o medo das democracias pós-totalitárias são mais sutis, devido ao fato de que as ameaças tendem a serem mais invisíveis e o poder, por sua vez, também se encontra escondido muitas das vezes:

E hoje? O terror se tornou uma atmosfera. Cada pessoa é entregue ao vazio planetário, exposta ao abismo cósmico. Não se efetiva nenhuma advertência explícita, pois os riscos parecem vir de fora. Em sua aparente ausência, o poder ameaça e tranquiliza, exalta o perigo e promete proteção – uma promessa que não pode cumprir. Porque a democracia pós-totalitária exige o medo e funda-se nele. Eis o círculo perverso da fobocracia. (DI CESARE, 2020, p. 62)

É justamente porque o poder existe em formas cada vez mais sutis que o medo da população é direcionado ao diferente, ao ‘estranho’, ao externo: “O medo cresce e se torna o temor obscuro do outro, no qual, como que por mágica, confluem diferentes preocupações e ansiedades.” (DI CESARE, 2020, p. 62-63) Tais afetos negativos são canalizados pela figura que Di Cesare nomeia de “soberano fobocrático”, cujos exemplos seriam os líderes mundiais que fazem apelos reacionários com tons militarísticos à nação. Tais líderes populistas demonstram a falência das democracias que não conseguem se comunicar com o seu povo sem fazer uso de jargões belicistas:

Por trás da *víropolítica*, ou melhor, da *coronapolítica*, surge de modo perturbador o soberano fobocrático. As reiteradas proclamações de guerra, os apelos à nação, são um sinal explícito. Entre outras coisas, mostram o fracasso da política que não sabe falar para uma comunidade desintegrada, a não ser fazer apelo ao medo e revocando a necessidade urgente de superar os conflitos internos. (DI CESARE, 2020, p. 68, grifos da autora.)

E uma das principais armas do soberano fobocrático é a lógica do complô a partir de notícias falsas. Di Cesare nota como certos presidentes espalharam *fake*

news propositalmente sobre a doença: menosprezando o seu risco, usando ela para fazer ataques xenofóbicos, mentindo sobre as vacinas, etc... Todas estas notícias falsas serviram para propagar o medo e espalhar o negacionismo, mas como que tais notícias facilmente desmentidas contagiam os seus leitores? De acordo com a italiana, isso se deve ao fato que são respostas simplificadas para problemas complexos. Notemos como as *fake news* tem um fundo xenofóbico e racista sempre remetendo ao externo. Podemos ver como as notícias falsas são usadas por populistas de extrema-direita:

O complô é a outra face da fobocracia. Uma política mesquinha e hipócrita, que para governar precisa derramar continuamente suas responsabilidades sobre um inimigo ao alcance das mãos – o imigrado, o ‘cigano’, os burocratas de Bruxelas, o ‘vírus chinês’ –, é a fonte inesgotável de fantasias conspiratórias. (DI CESARE, 2020, p. 78)

O complô do mundo desencantado seria tal qual a mitologia dos gregos antigos, porque ambos tentam satisfazer de maneira simples e vulgar um questionamento, trazendo “certezas” para um mundo cada vez mais complexo e incerto. Outro fator-chave para o sucesso das *fake news* é o fato de que, assim como os mitos antigos, elas apenas afirmam, nunca negam nada: “Doença do mundo desencantado, a fantasia da conspiração satisfaz a necessidade de certeza, a necessidade de transparência, o desejo imoderado de explicar e racionalizar tudo. Diante da complexidade, escolhe-se o atalho da simplificação.” (DI CESARE, 2020, p. 75)

O desencanto do mundo tem uma relação com nossa dificuldade de imaginar o nosso futuro: assim como autores tais quais Zizek e Fisher, é mais fácil imaginar o final do mundo do que qualquer outro tipo de alternativa de organização econômica e política que não o neoliberalismo. Nas palavras de Di Cesare, o que nos resta é tentar controlar o ‘pior futuro’ possível. Citamos: “Surge, nesse caso, a vontade de dominar o ‘pior futuro’, de controlá-lo com cálculos. Esse é o selo e a marca da nossa época, na qual o tempo que vem é a ameaça que paira no céu poluído. Prevalece uma espera cheia de angústia, cheia de apreensão.” (DI CESARE, 2020, p. 19) O fim do mundo tornou-se, pela primeira vez, uma obviedade, um acontecimento possível; ele tem um caráter histórico, e não apenas cosmológico. A esperança não existe mais, estamos diante daquilo que Di Cesare chama de “privatização do futuro”. A existência não tem mais a continuidade de uma geração para outra, ela é reduzida para a vida física do sujeito, e é por isto que o corpo

atualmente é infligido pela lógica imunitária, para excluir tudo aquilo que pode modificá-lo: a morte, a velhice, a dor, o amor, o prazer:

Essa é a privatização do futuro, fonte não apenas de angústia, mas também de violência generalizada. A existência é entregue ao período de sua única vida física, voltada à própria biografia, na qual se concentram todas as expectativas. É por isso que o corpo assume um valor tão decisivo, no qual a luta contra o limite da morte é disputada até o fim. Como se tornam absolutamente intoleráveis a dor, a doença, a velhice, do mesmo modo o prazer, a amizade e o amor representam dons irrepetíveis arrancados do luto da catástrofe, tornando-se momentos pontuais e descontínuos de um presente colhido em si mesmo numa luta incessante contra todos. (DI CESARE, 2020, p. 22-23)

Esta negação de tudo aquilo que afeta o corpo pode ser vista na forma em que a morte é vista como um contágio, logo ela deve ser esterilizada ao ponto de se tornar inexistente em nossa sociedade, e o que a torna tão chocante durante a pandemia é o fato dela ser expurgada da cidade o quanto antes: “O que preocupa e o causa repugnância não é apenas a modalidade do enterro, ferozmente asséptico, impiedosamente apressado. Perturbadora também é a expurgação da morte da cidade.” (DI CESARE, 2020, p. 109) Nega-se a possibilidade de sequer velar e enlutar-se pelo falecido, inibindo assim a nossa memória do passado e proibindo a possibilidade de cogitar um futuro: “A história deveria nos ensinar que o crime causado à dignidade da morte mina toda a comunidade, impede o trabalho de luto, inibe a memória. A impossibilidade de elaborar o passado suspende o presente e bloqueia o futuro.” (DI CESARE, 2020, p. 115)

Podemos notar que Donatella Di Cesare vê na vulnerabilidade uma saída para nosso paradigma imunitário pois ela ajuda a repensar nosso habitar. O coronavírus mostrou que a única salvação possível é por meio da ajuda mútua – com envio de suprimentos, máscaras, vacinas, respiradores – e não com o preconceito contra o migrante e o nacionalismo reacionário: “Nada nos preservou do coronavírus, nem mesmo os muros patrióticos, as fronteiras ostentosas e violentas dos soberanos. A pandemia global mostra a impossibilidade de se salvar – a não ser com ajuda mútua.” (DI CESARE, 2020, p. 33) A pandemia de COVID-19 deve nos ajudar a repensar o nosso habitar, segundo a pensadora, pois ela nos mostra como habitar não é a mesma coisa que possuir, mas sim de existir: “É por isso que este evento deveria nos fazer repensar nosso modo de habitar, que não é sinônimo de ter, possuir, mas de ser, existir.” (DI CESARE, 2020, p. 33) De fato, a

autora afirma que a habitação vista nos termos do ‘ter’ significa um fechamento para todo o corpo estranho que se aproxima: “A habitação é um tipo de extensão do corpo que permite uma representação peculiar de si mesmo e um autocuidado igualmente especial, os quais se tornaram um hábito. Expressa a necessidade de um fechamento tranquilizante e traz à tona a emergência do paradigma imunitário.” (DI CESARE, 2020, p. 83)

O fato que respiramos significa que todos nós somos migrantes no mundo, estrangeiros na própria terra, de acordo com Di Cesare: “A respiração que retorna, o movimento rítmico que marca o nosso estar no mundo, sugere que somos todos estrangeiros, hóspedes temporário, migrantes entre si, residentes estrangeiros.” (DI CESARE, 2020, p. 33) A autora italiana propõe que lembremos a tese de Judith Butler sobre a importância do luto para a construção de uma comunidade cujo aspecto mais importante seria a vulnerabilidade, e não o eu soberano, pois este é mais um exemplo da lógica imunitária que Di Cesare busca criticar:

Judith Butler nos convidou a interpretá-la [a vulnerabilidade] como um recurso e indicou precisamente no luto, na morte dos outros, essa experiência que perturba profundamente, que desconcerta o eu soberano. Talvez, por meio da perda do outro, do luto coletivo, devêssemos traçar uma nova política da vulnerabilidade. (DI CESARE, 2020, p. 33-34)

Também vemos Di Cesare traçar novas possibilidades para as lutas sociais. Ela nota como estava ocorrendo uma explosão de lutas populares por diversos países, e que tais lutas viram-se obrigadas a pausarem por causa da letalidade da doença. Porém, isso não significa que novas formas de dissenso não podem ser criadas. A autora dá exemplos de painéis, ações de cyberativismo, manifestações populares com distanciamento controlado:

Novas formas de dissenso, protestos criativos e sem precedentes aparecem nas sacadas, na rede e até mesmo, com as devidas distâncias, nas praças – dos painéis às ações dos *Anonymous*, de iniciativas como as do coletivo chileno *Depresión Intermedia* às assembleias no *Facebook* e nos *#digitalstrike*. (DI CESARE, 2020, p. 66)

Precisamos aqui fazer uma crítica à autora. As soluções de Di Cesare são, como um todo, vagas demais. Podemos dizer que isto é devido ao fato dela ter escrito este livro no início da pandemia, quando ainda muita coisa sobre o vírus estava desconhecido (e ainda continua desconhecido). Então, tratemos de finalizar nossa resenha com um resumo de sua proposta: temos que nos colocar como outros. E

para demonstrar isso, a autora faz uso de metáforas relacionadas ao campo dos anticorpos. Anticorpos fora de controle tendem a eliminar a si mesmos, como é o caso das doenças autoimunes. É necessário, portanto, que tomemos o habitar como respirar, e vermos a nos mesmos como eternos migrantes por meio da covulnerabilidade:

Para funcionarem, os anticorpos precisam interpretar o papel dos corpos estranhos, sem se exibirem como autóctones orgulhosos, e nesse papel – o teatro pode ajudar! – precisam se reconhecer como estrangeiros residentes. Esta será a salvação e a saúde. A defesa policial não ajuda nem mesmo neste caso. (DI CESARE, 2020, p. 123-124)

Referências

DI CESARE, Donatella. **Vírus Soberano? A Asfixia Capitalista**. Trad. Davi Pessoa. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

Recebido em: 15/07/2021.
Aprovado em: 26/07/2021.
Publicado em: 05/08/2021.